

A RELAÇÃO TEXTO-IMAGEM NO DISCURSO JORNALÍSTICO SOB ENFOQUE DA LINGUÍSTICA CRÍTICA

LA RELACIÓN TEXTO-IMAGEN EN EL DISCURSO PERIODÍSTICO BAJO EL ENFOQUE DE
LA LINGÜÍSTICA CRÍTICA

THE TEXT-IMAGE RELATIONSHIP IN THE JOURNALISTIC DISCOURSE THROUGH THE
CRITICAL LINGUISTICS PERSPECTIVE

Leonardo Antonio Soares*

Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO: Dada a importância e poder das notícias na sociedade contemporânea, não é surpresa que o discurso jornalístico seja tão estudado. Tal discurso possui características e métodos de produção e consumo específicos. O objetivo deste artigo é identificar a inter-relação entre textos escritos e as imagens nas capas de dois jornais impressos mineiros, produzidos durante a pandemia de Covid-19, a partir do estilo linguístico, da análise da organização dos elementos de capa, da Estrutura de Equilíbrio (EE) fornecida pelos produtores e das práticas discursivas que moldam o discurso jornalístico. Para que os objetivos sejam alcançados, busco suporte na Análise Crítica do Discurso. Por outro lado, os estudos que analisam especificamente as práticas discursivas do discurso jornalístico são de extrema importância. Os resultados apontam que: os recursos linguísticos foram ajustados ao público-alvo; as imagens estabeleceram relações importantes com os textos escritos; e o valor de notícia se mostrou importante na confecção das capas.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso jornalístico. Organização de elementos. Estrutura de Equilíbrio. Estilo linguístico.

RESUMEN: Dada la importancia y el poder de las noticias en la sociedad contemporánea, no es de extrañar que el discurso periodístico sea tan estudiado. Tal discurso tiene características y métodos de producción y consumo específicos. El objetivo de este artículo es identificar la interrelación entre textos escritos e imágenes en las portadas de dos diarios impresos de Minas Gerais, producidos durante la pandemia de Covid-19, a partir del estilo lingüístico, el análisis de la organización de los elementos de portada, la Estructura de Equilibrio proporcionada por los productores y las prácticas discursivas que configuran el discurso periodístico. Para el logro de los objetivos busco apoyo en el Análisis Crítico del Discurso. Por otro lado, los estudios que analizan específicamente

* Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC-SP. Mestrado em Estudos Linguísticos pela UFMG. Professor adjunto na Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte - MG. E-mail: leons@rocketmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3104-7090>.

las prácticas discursivas del discurso periodístico son de suma importancia. Los resultados muestran que: los recursos lingüísticos se ajustaron al público objetivo; las imágenes establecieron importantes relaciones con los textos escritos; y el valor informativo demostró ser importante en la elaboración de las portadas.

PALABRAS CLAVE: Discurso periodístico. Organización de elementos. Estructura de equilibrio. Estilo lingüístico.

ABSTRACT: Given the importance and power of the news in contemporary society, it is not surprising that journalistic discourse is so studied. Such discourse has specific characteristics and methods of production and consumption. The aim of this article is to identify the interrelationship between written texts and images on the front pages of two printed newspapers from Minas Gerais, produced during the Covid-19 pandemic, based on the linguistic style, the analysis of the organization of the elements, the Equilibrium Structure provided by producers and the discursive practices that shape journalistic discourse. In order to achieve the aims, I seek support in Critical Discourse Analysis. On the other hand, studies that specifically analyze the discursive practices of journalistic discourse are extremely important. The results show that: the linguistic resources were adjusted to the target audience; the images established important relationships with the written texts; and the news value proved to be important in the making of the covers.

KEYWORDS: Journalistic discourse. Organization of elements. Balance Structure. Linguistic style.

1 INTRODUÇÃO

Para Richardson (2007), o discurso jornalístico possui características e métodos de produção e de consumo bastante específicos, sendo definido por um conjunto de relações estabelecidas com outros agentes de valor simbólico e material. O autor embasa suas análises do discurso jornalístico na perspectiva da Análise Crítica do Discurso (ACD), cuja base teórica e método de análise buscam identificar como os indivíduos e instituições usam a língua, focalizando “[...] em problemas sociais e, principalmente, no papel do discurso na produção e reprodução de abusos de poder e dominação” (Van Dijk, 2001, p. 352).

Dada a importância e poder das notícias na sociedade contemporânea, não é surpresa que o discurso jornalístico seja tão estudado por analistas do discurso. Além das características identificadas por Richardson (2007), ele argumenta que a análise do discurso jornalístico pode ser feita a partir de três níveis: (a) na realidade social ou contexto; (b) nas práticas do jornalismo; e (c) na linguagem usada. Por outro lado, ele apoia suas análises sobre o uso da língua no discurso jornalístico em cinco patamares, considerando-a como: (a) um fator social; (b) um fator identitário; (c) uma atividade ativa; (d) um elemento de poder; e (e) um elemento político (Richardson, 2007). Na sequência, esses cinco patamares serão descritos.

A língua é um elemento central para a atividade humana, sendo considerada, por muitos estudiosos, o elemento que nos torna humanos, pois, através de seu uso, é que nós extraímos sentido das ações. Sendo assim, a língua, em primeiro lugar, representa a realidade social e, em seguida, contribui para a produção e a reprodução dessa realidade social. O fator social da língua se revela de diferentes formas, incluindo a forma pela qual as pessoas falam umas com as outras em determinados contextos sociais, como, por exemplo: a forma que se interage em um tribunal é diferente da forma que se usa para interagir em um bar.

A língua também reflete as identidades dos falantes, as expectativas acerca do que eles pretendem realizar através de um ato comunicativo e os elementos de uma estrutura social mais ampla da qual os falantes fazem parte, recriando expectativas sociais e institucionais. Ao considerarmos o uso da língua como identidade, assumimos que os indivíduos se projetam como determinados tipos de pessoas, e tais identidades se relacionam, em parte, com as atividades que eles tentam realizar. Os significados de um texto jornalístico estão ligados à identidade de seus produtores, que são responsáveis pelo seu conteúdo e contexto de articulação. Já nossa compreensão acerca de um ato comunicativo é moldada, mesmo que parcialmente, por quem fala/escreve e pelo contexto em que tal ato ocorre (Richardson, 2007).

O terceiro patamar está relacionado com a visão do uso da língua como uma atividade ativa, sendo sempre direcionada a fazer alguma coisa e estando sempre subordinada a um contexto. Por exemplo, um texto jornalístico pode usar a língua para informar

acerca de um evento ou expor feitos ilícitos. Cada escolha verbal (informar, expor, argumentar, questionar) demonstra a natureza ativa do ato comunicativo, levando-nos a considerar a língua como uma atividade ou ação social (Richardson, 2007).

O quarto ponto a ser considerado é o uso da língua como forma de poder. Porém, Richardson (2007) adverte que o poder contido no uso da língua não opera de forma linear ou democrática. Se, por um lado, alguns discursos são nitidamente mais poderosos que os outros e as opiniões de certos grupos tendem a ter mais crédito e autoridade, por outro lado, algumas formas de falar possuem mais poder do que outras, e certos gêneros de comunicação atuam de forma mais efetiva e apresentam mais potencial na vida social, considerando seus efeitos positivos ou negativos (Richardson, 2007).

Somado ao texto escrito, a análise de como o discurso das notícias explora e se apresenta através de outros recursos semióticos se torna primordial no atual contexto. O que a multimodalidade adiciona à análise do discurso da mídia impressa é a certeza de que a língua representa apenas um modo entre muitos outros na construção de significados. O discurso multimodal indica uma interação entre os modos visual e verbal nos jornais, e a análise da língua usada no discurso da mídia impressa vai além da escrita, engloba um conjunto de estratégias de significado disponíveis para os indivíduos em qualquer contexto comunicativo.

O objetivo deste artigo é identificar a inter-relação entre textos escritos e as imagens nas capas de dois jornais impressos mineiros, produzidos durante a pandemia de Covid-19, a partir do estilo linguístico usado, da análise da organização dos elementos de capa, da Estrutura de Equilíbrio fornecida pelos seus produtores e das práticas discursivas que moldam o discurso jornalístico.

Para que os objetivos sejam alcançados, busco suporte na Análise Crítica do Discurso (ACD), por um lado, a partir de autores como Fairclough (1995), que busca analisar os diferentes textos de forma crítica, levando em consideração aspectos relacionados à sua estrutura profunda e em diferentes níveis, contemplando texto, prática discursiva e práticas sociais. Por outro lado, os estudos de Blommaert (1999), de Iggers (1999) e de Richardson (2007), que analisam especificamente as práticas discursivas do discurso jornalístico e que são de extrema importância. Em adição, também, a análise das imagens é feita com base nos estudos de Bednarek e Caple (2012), Caple (2009) e Kress e van Leeuwen (2006, 2021). Conto, ainda, com outros autores que se ancoram na Linguística Crítica para a análise de textos escritos e imagens, como Fowler (1991), Titscher *et al.* (2000), Mills (1995) e Bateman (2008).

2 A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO – ACD

A ACD adota a definição de discurso a partir da perspectiva funcionalista. Porém, além de admitir que o discurso é o uso da língua, a ACD busca conectar a análise linguística à análise social.

Para atingir seus objetivos, a ACD busca enfatizar: “[...] os diferentes níveis de abstração de um evento particular, podendo envolver seu contexto situacional mais imediato, o contexto mais amplo das práticas institucionais nas quais o evento está inserido, e ainda a estrutura mais ampla da sociedade e cultura” (Fairclough, 1995, p. 62).

De acordo com Fairclough (1992), as mudanças sociais contemporâneas são constituídas pelas mudanças nas práticas linguísticas. Titscher *et al.* (2000) sugerem que as questões de poder são de central interesse da ACD, uma vez que poder e ideologia podem afetar os níveis contextuais de produção, consumo e compreensão do discurso. Os conceitos de ideologia e hegemonia e a forma pela qual elas agem ou estão inscritas nos textos se fazem extremamente relevantes para a análise do discurso jornalístico proposta neste artigo. Fairclough (1994) entende a ideologia como sendo construções da realidade presentes em várias dimensões e formas nas práticas discursivas. As práticas discursivas são ideologicamente revestidas porque incorporam significados que contribuem para a manutenção ou reestruturação das relações de poder. As relações de poder podem, dessa forma, ser afetadas por práticas discursivas de qualquer tipo (Fairclough, 1992).

Quanto à localização da ideologia no texto, acredita-se que ela esteja contida nos textos de forma que seja impossível removê-la, e, assim, uma oposição rígida entre a forma e o significado não seria possível, uma vez que o significado dos textos está sempre mesclado com sua forma, e suas estruturas formais estão, em vários níveis, relacionadas a questões ideológicas.

Já a hegemonia representa outro elemento importante para ACD, sendo ela definida por Richardson (2007) como o processo pelo qual uma classe dominante persuade as demais classes a aceitar suas regras e a condição de subordinação por ela impostas. A hegemonia é uma condição através da qual os governados aceitam ou concordam com a autoridade sem a necessidade de aplicação de força. Para Cox (2004), embora a força esteja sempre latente como pano de fundo, a hegemonia significa um tipo de liderança ao invés de uma dominação. A manutenção de uma hegemonia se dá através do ensinamento dos valores e das ideias de uma classe dominante, principalmente sua reivindicação de legitimidade política.

2.1 A ACD COMO MÉTODO DE ANÁLISE

Para Titscher *et al.* (2000, p. 149) a ACD significa: “A análise das relações entre o uso concreto da língua e as estruturas sociais e culturais mais amplas. A ACD atribui, simultaneamente, três dimensões a cada evento discursivo: texto, prática discursiva – que também inclui a produção e interpretação de textos – e prática social, sendo a análise conduzida de acordo com essas três dimensões”.

A definição de Titscher *et al.* (2000) nos remete ao modelo proposto por Fairclough (1994), que sugere um método acessível de se analisar um texto, em que ele argumenta que, para que se possa entender, de forma mais aprofundada, o que é discurso e como ele trabalha, uma análise precisa definir: a forma e a função de um texto; a maneira pela qual o texto se relaciona com a sua forma de produção e consumo; e a sua relação com um contexto social e cultural amplo no qual ele ocorre.

Pelas definições acima, a abordagem da ACD para o discurso atua como um processo circular no qual as práticas sociais influenciam nos textos, modelando o contexto e a forma pela qual eles são produzidos, e, em contrapartida, os textos ajudam a influenciar a sociedade através de sua ação de modelar os pontos de vista daqueles que os consomem.

2.1.1 A análise textual

Para a ACD, a análise textual envolve a análise da forma pela qual as proposições são estruturadas e a forma pela qual tais proposições são combinadas e sequenciadas.

A análise textual visa examinar o texto em termos daquilo que está presente e daquilo que poderia estar presente. Sendo assim, cada aspecto do conteúdo textual é resultado de uma escolha – a escolha da forma de descrever uma pessoa, uma ação ou um processo; a escolha da forma pela qual se constrói uma oração, rejeitando as demais opções disponíveis; a escolha de se incluir um determinado fato ou opinião etc. Fairclough (1995, p. 57) acredita que a análise de tais escolhas no texto: “[...] cobre as formas tradicionais de análise linguística – análises de vocabulário e semântica, gramática, fonologia e padrões de escrita – mas ela também inclui a forma pela qual as sentenças são conectadas (coesão) e outras coisas, como organização da tomada de turnos em entrevistas ou estrutura geral de um artigo de jornal”.

Através dessa perspectiva, não devemos considerar que elementos de vocabulário, gramática ou semântica possuem um significado profundo e direto por si só, mas que é a sua função que deve ser enfatizada.

2.1.2 As práticas discursivas

Segundo Fairclough (1995, p. 58): “A dimensão da prática discursiva no evento comunicativo envolve vários aspectos do processo de produção do texto e de seu consumo. Alguns deles possuem um caráter mais institucional [...] enquanto outros são processos discursivos em sentido mais restrito, como a decodificação de um texto pelo leitor”.

Nessa etapa, a análise textual se torna realmente uma análise do discurso. A análise do discurso, segundo Richardson (2007), envolve uma análise de textos conforme eles se encontram incorporados e se relacionam com as condições sociais de produção e consumo. Tal perspectiva pode ser resumida através da figura 1:

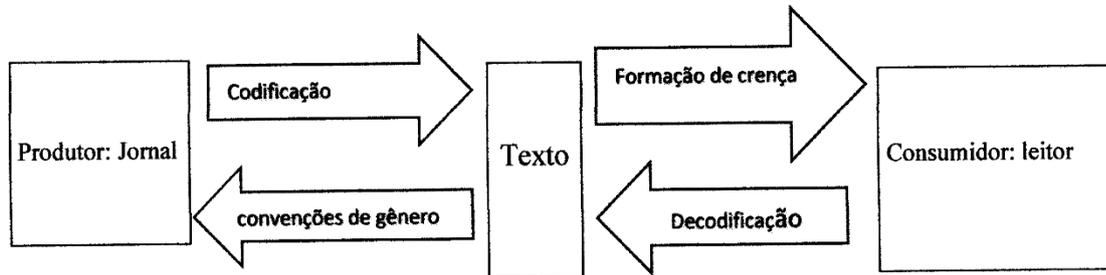


Figura 1: Produção e consumo de textos jornalísticos

Fonte: elaborada pelo autor

Sendo assim, uma análise do discurso das práticas jornalísticas seguiria o modelo proposto de codificação e decodificação, no qual os textos são codificados pelos seus produtores e decodificados pelos leitores, que buscam significados pela interação com o texto por si só, mas também através do contexto sociocultural e histórico de inserção. Porém, a ACD busca aprofundar tal modelo, pois considera que um texto não é resultado somente das intenções de seus produtores, mas também é proveniente de práticas técnicas e profissionais específicas, que podem ser muito diferentes e atingirem resultados diversos. Tais práticas profissionais se baseiam em relações sociais particulares e em relações de poder, que, inevitavelmente, deixam seu resíduo no produto do evento comunicativo, o texto.

Se, por um lado, o produtor e o modo de produção codificam e decodificam significados no texto (escolha da história, foco em um ponto de vista etc.), por outro lado, o texto também age sobre o seu produtor, moldando a forma pela qual a informação é colhida e apresentada devido às convenções do gênero textual a ser construído. Da mesma forma, na fase de consumo do texto, as práticas discursivas ocorrem como uma via de mão dupla. A mensagem do texto tenta moldar a compreensão do leitor, porém o ato de ler é uma atividade na qual os leitores não recebem simplesmente uma mensagem, mas sim onde eles decodificam um texto. Depois, ao consumirem o texto, os leitores possuem perspectivas, agendas, experiências e conhecimento prévio que podem se diferir bastante daquilo que está sendo codificado no texto. Sendo assim, o leitor de um jornal pode resistir, rejeitar ou não entender o significado codificado em uma notícia, por exemplo. Além disso, o nosso julgamento acerca de quem produziu o texto pode ainda afetar nossa forma de acessar os seus significados.

3 AS PRÁTICAS DISCURSIVAS E OS TEXTOS JORNALÍSTICOS

As práticas discursivas do jornalismo representam um processo pelo qual os jornalistas produzem textos, e os leitores consomem essas produções.

No caso da comunicação midiática de massa, os discursos são baseados em instituições e, de acordo com Fowler (1991), são conjuntos sistematicamente organizados de declarações que dão expressão aos significados e valores de uma instituição. Sendo assim, o discurso das notícias pode ser inferido como um sistema (e nos valores nos quais ele se baseia), em que as organizações selecionam e organizam as possíveis afirmações acerca de um determinado tópico.

3.1 A OBJETIVIDADE

A objetividade representa um valor-chave nas práticas do jornalismo moderno, sendo um ponto de central interesse para os analistas do discurso e estudantes da área. Porém, um relato objetivo não representa, necessariamente, um relato neutro. Os julgamentos de valor estão embutidos em todos os estágios do processo de fazer notícias, que inclui coleta de informações, escrita, seleção de história, edição e apresentação. Além disso, todo o processo é decidido a partir de um pano de fundo social e econômico.

Tuchman (1972) sugere quatro elementos a serem observados pelos repórteres na constituição de um texto objetivo: (a) uso de fontes divergentes; (b) uso de evidências como pano de fundo ou uso de informações de contextualização; (c) uso de parênteses que indiquem verdade contenciosa, indicando não preconceito por parte do relato; e (d) uso de pirâmide invertida como estrutura da notícia e de um estilo narrativo que remova a voz autoral do jornalista. Para Phillips e Jorgensen (2002), as duas primeiras estratégias estão relacionadas com a forma pela qual os repórteres se valem do discurso já existente, e as últimas se referem à organização e apresentação do discurso.

Uma estratégia linguística bastante comum é o empréstimo de palavras de outras pessoas através da citação, e, nesse grupo, podem ser incluídos os especialistas de diferentes áreas (médicos, políticos e autoridades). Em um esforço para manter uma posição não avaliativa, que é parte da distância autoral, os repórteres tentam não moldar as histórias de forma explícita em termos de julgamentos pessoais ou lições de moral, indicando uma aparente neutralidade que permita que o leitor faça seus próprios julgamentos. Sendo assim, a atribuição das informações a múltiplas fontes serve para reforçar as posições de cautela, confiabilidade e de autoridade imparcial acerca os eventos narrados.

3.2 AS PRÁTICAS ORGANIZACIONAIS: ESCRIVENDO PARA UMA DETERMINADA AUDIÊNCIA

Iggers (1999) argumenta que os textos jornalísticos surgem a partir de uma dinâmica que é moldada por um número de forças que competem a partir de diferentes direções. Uma força-chave é a audiência e, sem o senso de audiência, não pode haver seleção de notícias. A audiência é o pano de fundo no qual os repórteres e editores consideram as questões de valor e o fato de se levar em conta a audiência afeta, não somente a escolha da história, mas o tom e o estilo de apresentação.

A tática de entender a audiência está embutida no processo de coleta de notícias, nos valores enfatizados e nas tecnologias usadas. A relação entre o jornal e a audiência se baseia no preenchimento de expectativas e na validação de relações passadas de confiança. Porém, isso não indica que tais relações sejam estáticas.

3.3 O VALOR DE NOTÍCIA DOS EVENTOS

Os valores da mídia servem como critério usado pelos jornalistas para medir e julgar o valor de notícia de um evento. A notícia precisa ser chamativa e interessante para seu público-alvo, e os valores de notícia determinam o que é meramente um evento e o que é notícia. Para Galtung e Ruge (1965) existem, pelo menos, doze valores empregados na determinação do valor de notícia de um evento:

- 1- Frequência (notícias diárias precisam de histórias diárias);
- 2- Limite (a intensidade de um evento);
- 3- Falta de ambiguidade (o evento pode ser facilmente descrito);
- 4- Significância (proximidade cultural);
- 5- Consonância (eventos esperados ou desejados pelo público: violência e futebol, por exemplo);
- 6- Imprevisibilidade (evento raro ou assustador);
- 7- Continuidade (sequência de uma história);
- 8- Composição (balanço na distribuição das histórias de jornal);
- 9- Referência a pessoas da elite;
- 10- Referência a nações de elite;
- 11- Personificação (o que afeta diretamente as pessoas, de interesse humano);
- 12- Negatividade (se sangra, vende).

Finalmente, é necessário acrescentar que os valores de notícia mudam com o passar dos tempos, levando à descontinuidade de certos jornais ou à mudança de público-alvo.

3.4 ESTILO LINGUÍSTICO

Em análises de textos de notícias em nível analítico-discursivo, é importante conectar a audiência com o estilo linguístico usado pelos autores. O estilo linguístico é um conceito que busca abranger a variedade em termos de estrutura lexical e sintática nos textos. Jucker (1992) acrescenta que variação de estilo não indica liberdade ou arbitrariedade, mas deve ser considerada como parte do papel do contexto na formação do texto e isso nos remete à necessidade de, durante o processo de análise, relacionar a variação estilística da língua ao contexto social e aos papéis sociais que as pessoas simbolizam ou exercem na comunicação.

A língua usada pelos jornalistas, ao se direcionarem à sua audiência, está relacionada à identidade do jornalista e da audiência e, também, indica uma relação entre ambos. Por exemplo, o estilo usado pode ser coloquial ou formal, pode haver uso de termos especializados ou ainda o uso de gírias. Em todos os casos, o jornalista está buscando familiaridade e uma relação “entre iguais” com seu leitor.

Porém, Richardson (2007) lembra que alguns pontos precisam ser levados em consideração, pois as instituições midiáticas possuem políticas de uso da língua, e isso indica que, durante a análise de textos midiáticos, os analistas do discurso poderão encontrar padrões e regularidades que podem ser resultantes de regras estilísticas explícitas.

3.5 A INTERTEXTUALIDADE

O conceito de intertextualidade está ligado à concepção de que os textos não podem ser estudados de forma isolada, pois eles não são produzidos ou consumidos isoladamente: todo texto deve existir e ser entendido em relação a outros textos. A intertextualidade é um conceito central na ACD, que enfatiza a importância de se entender um texto em relação a cadeias de outros textos e ao contexto social. Existem dois tipos de intertextualidade: externa e interna.

A intertextualidade externa está relacionada ao fato de que um texto se torna mais compreensível quando contextualizado e lido em relação a outros textos e a práticas sociais. Blommaert (1999) revisita a perspectiva de Bakhtin (2006) e argumenta que todo texto incorpora, reformula, reinterpreta ou relê textos anteriores e que todo ato de comunicação está ancorado em histórias semânticas e pragmáticas que não são simples ou lineares, mas que possuem múltiplas camadas e fragmentações.

No texto jornalístico, um exemplo desse tipo de intertextualidade acontece em “running stories” ou em histórias que se desenvolvem em mais de uma edição. Para Franklin *et al.* (2005), uma “running story” gera desmembramentos futuros, novas revelações, cobertura jornalística por períodos mais longos, e, quando se lê esse tipo de história, sabe-se da existência de uma cadeia textual revelada por alguns marcadores discursivos, como “outro”, “além disso”, “em adição” e modificadores como “novo”.

Já intertextualidade interna se volta para elementos dentro do texto. O texto jornalístico, que precisa reproduzir ações e opiniões dos outros, poderá conter os elementos de um comunicado à imprensa, a citação de uma fonte envolvida no evento relatado (informação), um comentário (avaliação) ou um histórico de informações retirado de arquivos de jornais, por exemplo. O discurso relatado é uma forma predominante em notícias de jornal, sendo usado em diferentes tipos de notícias. O texto inicial pode ser incorporado em outro texto de diferentes formas. Em primeiro lugar, o produtor poderá fazer uso da citação direta. Neste caso, as palavras exatas são reproduzidas entre aspas. Em segundo lugar, o discurso relatado pode ainda ser incluído sob forma de citação estratégica, na qual algumas palavras dos outros são colocadas entre aspas para indicar sua natureza contenciosa. Em terceiro lugar, o discurso relatado pode aparecer sob a forma de citação indireta – um resumo feito pelo autor sobre o que foi dito –, mas sem usar as mesmas palavras. Em todos os casos, o verbo escolhido e as demais escolhas feitas pelo autor possuem significado importante, pois eles moldam a compreensão do leitor acerca do evento relatado, possuindo caráter ideológico.

Existem ainda outras duas formas de discurso relatado: citação indireta transformada e citação direta aparente. No primeiro caso, como na citação indireta comum, não há uso de aspas, mas o uso de palavras como “disse”, “acusou”, “alegou”, etc.; verbos transitivos como “descobriu”, “revelou” e verbos que se referem a processos mentais, como “acredita que”, também podem ser usados. Já nas citações diretas aparentes, a estrutura das frases aponta para citações diretas, mas elas são inventadas pelos autores do texto jornalístico. Tal formato é mais comum em tabloides que visam vender notícias escandalosas.

4 ANÁLISE TEXTUAL: AS FERRAMENTAS PARA A ANÁLISE LINGUÍSTICA

A análise textual ocupa o primeiro nível da análise do discurso dos jornais. A noção de níveis se faz presente em Fairclough (1994, 1995) que acredita haver dois importantes aspectos dos textos a serem considerados durante a análise: (a) a estrutura das proposições; e (b) a combinação e sequenciamento de tais proposições. No primeiro caso, situam-se as representações dos indivíduos e de outros atores sociais, e a análise de cláusulas que representam ações, processo e eventos. O segundo aspecto se relaciona à organização de tais cláusulas em uma estrutura coerente. Sendo assim, a análise linguística dos textos jornalísticos deve então se mover de uma escala micro, que se inicia com a análise de palavras, passando para orações e atingir uma escala maior capaz de considerar a organização de significados dentro do texto como um todo.

4.1 ANÁLISE LEXICAL: A ESCOLHA DO SIGNIFICADO DAS PALAVRAS

A análise de palavras usadas em um jornal é quase sempre o primeiro estágio para a análise discursiva. As palavras possuem a marca de uma sociedade e seus juízos de valor, uma vez que elas apresentam significados conotativos e denotativos. Todo tipo de palavra (mas, principalmente, substantivos, adjetivos, verbos e advérbios) carrega os dois tipos de significado.

A forma pela qual as pessoas são nomeadas no discurso jornalístico pode produzir impacto na forma pela qual elas são vistas. A maneira pela qual os atores sociais são nomeados identifica não apenas o grupo social ao qual eles estão ligados (ou pelo menos o grupo ao qual o falante/escritor quer que ele(a) esteja associado), mas também indica a relação entre o nomeador e o nomeado.

Os jornalistas têm que nomear pessoas nos eventos relatados, e essa ação envolve escolha. Ao escolher uma categoria social ao invés de outra, os indivíduos são excluídos de um determinado grupo ou categoria. Reisigl e Wodak (2001) chamam esse tipo de escolha de “estratégia referencial” e apontam que tal enquadramento de um indivíduo em uma determinada categoria serve a muitos propósitos, sejam eles psicológicos, sociais, sejam eles políticos. Um indivíduo pode ser individualizado ou coletivizado. No primeiro caso, isso acontece para que se possa dar ênfase às suas qualidades, por exemplo.

A estratégia referencial escolhida atua dentro do texto não somente atribuindo significado e valor social ao referente, mas também estabelecendo relações de coerência em relação aos demais atores sociais referidos e representados no texto.

4.2 PREDICAÇÃO

A escolha de palavras usadas nos textos jornalísticos para representar diretamente as características e os valores dos atores sociais é, também, muito relevante em sua análise. Reisigl e Wodak (2001, p. 5454) acreditam que é através da estratégia de predicação que as pessoas

[...] são especificadas e caracterizadas em relação a qualidades, quantidades, espaço, tempo, etc. As estratégias predicacionais são alcançadas através de formas específicas de referências (baseadas em denotação explícita ou conotação implícita), atributos por predicativos, por colocações, por comparações explícitas ou por formas menos explícitas que podem incluir alusões, evocações e pressuposições.

A predicação é também usada para criticar, minar e difamar certos atores sociais, às vezes com conseqüências potencialmente perigosas.

4.3 CONSTRUÇÃO DAS ORAÇÕES: SINTAXE E TRANSITIVIDADE

A transitividade descreve as relações entre participantes e os papéis por eles desempenhados a partir dos processos usados nos textos. Para Mills (1995), o estudo da transitividade está preocupado com: a forma pela qual as ações são representadas; que tipo de ações aparecem nos textos; quem pratica tais ações e a quem são elas direcionadas – quem (ou o que), faz algo a alguém (alguma coisa).

Como tal, a transitividade é central para a representação, pois tem-se em mente que, ao produzir textos, há uma gama de escolhas a serem feitas, e cada texto produzido poderia ter sido escrito de outra forma. Ou seja, as escolhas para se representar os participantes de evento e as escolhas para representar o evento em si se refletem no verbo (processo) principal da oração.

Ações transitivas (como no exemplo acima) podem ser transformadas em construções passivas: *A bola foi chutada por ele* ou *A bola foi chutada*. No último caso, o agente foi deletado, e esse tipo de construção é bastante frequente em textos jornalísticos. Para Richardson (2007), cada escolha carrega significados conotativos e estudos realizados em textos jornalísticos demonstram que há, frequentemente, significação social e ideológica em tais escolhas, como, por exemplo, a opção por deletar o sujeito de uma oração.

Porém, há que se considerar, além dos processos acima identificados, as “circunstâncias” e seu valor na transmissão de significados. Sendo assim, pode-se mudar um processo ao adicionarmos a ele uma contextualização (um advérbio, por exemplo) ou através da estruturação das relações de significado a ele atribuído.

5 IMAGENS NAS NOTÍCIAS

Bednarek e Caple (2012) focalizam seus estudos nas imagens usadas nas notícias e o papel delas no discurso midiático. Isso indica um enfoque na função comunicativa das imagens, o que tem sido largamente influenciado pelo contexto sócio-histórico que sustenta o discurso das notícias. A estruturação dos eventos apresentados nas notícias mudou, e as imagens tendem a dominar o texto verbal, e, em alguns casos, são elas que impulsionam a história contada.

Da mesma forma, as novas formas de se contar histórias, incluindo as páginas de notícias da internet, também incorporam elementos verbais e visuais. A organização dos textos verbo-visuais e as relações entre os dois tipos de elementos merece atenção, e tal relação deve ser analisada a partir de, pelo menos, três pilares (conforme comentados na sequência):

- 1 A posição e organização das imagens na notícia;
- 2 A relação entre imagem e texto;
- 3 O contexto sócio-histórico em que se apoiam as notícias.

5.1 A POSIÇÃO E ORGANIZAÇÃO DAS IMAGENS NAS NOTÍCIAS

Além de identificarmos que as imagens exercem diferentes funções nas notícias, cabe ressaltar que tais funções sempre ocorrem de forma simultânea. Sendo assim, as imagens podem servir como evidência, mas, ao mesmo tempo, serem capazes de despertar fortes respostas emocionais nos leitores, passando a integrar a categoria de ícones. Além disso, é importante destacar a importância do layout, ou seja, da organização das imagens na página, considerando elementos como seu tamanho ou posição em relação ao texto escrito, por exemplo.

Uma tendência comum nos jornais atuais está no fato de as histórias serem planejadas e organizadas em torno da noção de “design visual”, considerando como elas são moldadas e como elas se relacionam com as demais histórias e os anúncios contidos na mesma página. Bateman (2008) classifica a organização da imagem e do texto dentro de uma mesma página como “fluxo de página” e afirma que tal fluxo é de central importância ao lidarmos com gêneros multissemióticos pelo fato de esse fluxo servir de fonte primária para a construção de tais gêneros. Bateman (2008) acrescenta que os jornais contam com o fluxo de página porque lemos diferentes notícias sem que haja a necessidade de imposição de uma ordem de leitura. O layout da tipografia também deve ser considerado, pois ele impacta a forma como interagimos com as imagens. Sendo assim, letras maiúsculas e pontos de exclamação, por exemplo, permitem uma maximização das sensações através da interação entre imagem e tipografia.

5.2 AS RELAÇÕES ENTRE O TEXTO E IMAGEM NO DISCURSO DAS NOTÍCIAS

Para Knox (2007), as páginas de notícias consistem de complexos sinais, de uma cadeia de signos verbo-visuais que funcionam como elementos estruturais coerentes, operando em seu ambiente contextual único para construírem atores e eventos que obedecem aos objetivos e ideologias institucionais dos jornais:

O propósito social é apresentar histórias com imediatismo e impacto. Recursos são oferecidos aos atores institucionais dos jornais através dos quais as histórias são avaliadas visualmente em termos de importância comparativa (incluindo tamanho, posicionamento, tamanho das fontes de chamadas, cores e inclusão de elementos, como as imagens) e são desenhados para atrair os leitores. (Knox, 2007, p. 26)

A partir da perspectiva apresentada por Knox (2007), três tipos de relação podem ser identificados a partir da conexão estabelecida entre texto e imagem em páginas de notícias: sobreposição, deslocamento e dicotomia. Elas serão definidas a seguir.

5.2.1 Sobreposição, deslocamento e dicotomia

Meinhof (1998, p. 26), em seu estudo sobre as relações entre textos visuais e verbais nas notícias, identifica três “componentes de ação”: os atores, as atividades/eventos e os afetados/efeitos/resultados. Com isso, propõe três categorias capazes de relacionar tais componentes entre si: sobreposição, deslocamento e dicotomia. Tais categorias podem ser resumidas da forma como exibe o quadro 1:

Categoria	Definição
<i>Sobreposição</i>	Os componentes visuais e verbais dividem a mesma ação, diretamente ou metonimicamente.
<i>Deslocamento</i>	Os componentes visuais e verbais representam diferentes ações no mesmo evento (ex. o texto relata as causas; e a imagem, as consequências).
<i>Dicotomia</i>	Os componentes visuais e verbais representam ações pertencentes a diferentes eventos.

Quadro 1: categorias intersemióticas

Fonte: elaborado pelo autor a partir de Meinhof (1998)

As relações estabelecidas entre as imagens e as chamadas de capa (os títulos) são, normalmente, menos diretas do que a relação legenda-imagens. Caple (2010) salienta que, neste caso, o tipo mais comum de relação identificada é o deslocamento, e que relações de sobreposição são menos frequentes, embora os produtores tentem fazer tal encaixe. Um exemplo de relação de sobreposição entre imagem e títulos pode ocorrer ao associarmos pessoas ou lugares com seus nomes citados nesses títulos.

No que se refere ao corpo do texto e suas relações com as imagens, as três categorias de relações podem ocorrer uma vez que a imagem tende a capturar um momento específico do evento relatado, enquanto a história do texto irá, também, relatar os acontecimentos além da imagem. Algumas relações de sobreposição entre a imagem e o corpo do texto podem ser alcançadas através do uso de alguns componentes linguísticos, como o pronome demonstrativo “este”. O uso deste pronome dentro de um parágrafo ajuda a dividir a referência entre o texto escrito e a imagem, gerando a sobreposição texto-imagem.

Bednarek e Caple (2012) identificaram que os leitores tendem a buscar, primeiramente, as chamadas maiores e a imagem para, em seguida, buscarem as legendas, estando inclinados a focalizarem na história principal. Sendo assim, seria prudente que os analistas iniciassem suas análises considerando imagem, legenda e títulos, antes de focalizarem o corpo do texto. É esta, então, a perspectiva a ser adota para nortear as análises das capas de jornal neste artigo.

5.3 A COMPOSIÇÃO DAS IMAGENS

A “Estrutura de Equilíbrio”, doravante EE, proposta por Caple (2009) e usada para a análise da composição das imagens se baseia nos estudos de Kress e van Leeuwen (2006, 2021) e nela a composição é tida como um ato de equilíbrio. Nas notícias dos jornais, há

a necessidade de que se use, pelo menos, uma imagem que aja como ilustração de um determinado evento. Tais imagens podem envolver *pessoas* em algum tipo de *atividade*, em determinada *época* e *local*.

5.3.1 A Estrutura de Equilíbrio (EE)

As imagens das notícias não são aleatórias, e existe uma preocupação relacionada à composição e ao equilíbrio dela no enquadramento, o que é vital no trabalho dos fotógrafos. Da mesma forma, há a necessidade de mostrá-las como um todo coerente, o que está relacionado às análises de Dondis (1973, p. 91) que afirma que “[...] nós percebemos as imagens como configurações organizadas, ao invés de coleções feitas a partir de partes independentes”.

A EE de Caple (2009) apresenta os seguintes elementos exibidos na figura 2

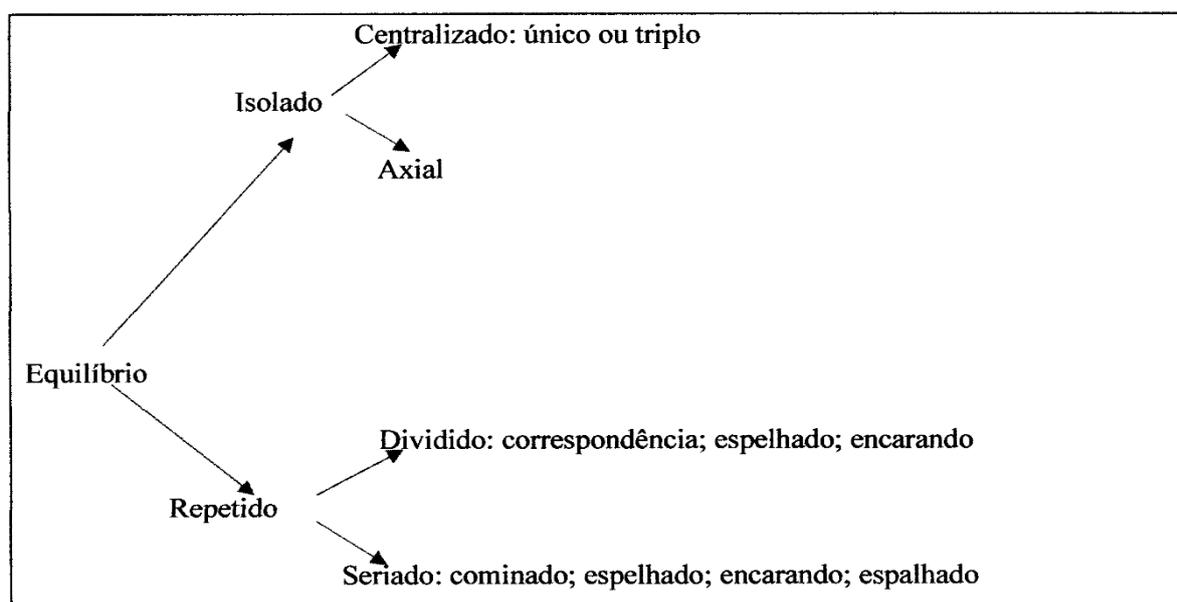


Figura 2: a Estrutura de Equilíbrio

Fonte: elaborada pelo autor

Normalmente, detectam-se dois padrões básicos de organização de elementos dentro da moldura das imagens para a criação de unidade visual. Quando destacamos alguém/alguma coisa e fazemos dele/a o foco de atenção, estamos “isolando”; por outro lado, padrões repetidos entre muitos elementos e sua exibição na imagem em relação uns aos outros (por exemplo, um grupo de amigos erguem suas taças para brindar) nos levam à “repetição”.

Os dois padrões se subdividem em subcategorias, conforme demonstrado na figura 2. Geralmente, imagens como retratos e *close-ups* possuem um único elemento centralizado, e, em tais casos, é esperado que o leitor focalize naquele determinado elemento. Na EE, temos, então: um elemento isolado, centralizado e único. Porém, quando o foco e a centralização recaem sobre um determinado elemento, mas ele é mostrado em relação a outros dois elementos, temos: um elemento isolado, centralizado e triplo.

Outra subdivisão dos elementos isolados é a axial, na qual nenhum dos elementos na moldura se encontra centralizado, afastando-se do centro da moldura e onde um elemento é mostrado em relação ao outro, mas em eixos diagonais. Nesses casos, a categoria “isolado” se aplica porque, embora não ocupe o centro, um elemento é dominante em termos de tamanho, cor etc., sobressaindo-se. Teremos, então, um elemento isolado e axial. Sendo assim, a categoria “isolado” opera não somente na busca de focalizar nossa atenção em um único elemento, mas também para estabelecer dinâmica e relações desiguais entre o elemento dominante e os demais em uma imagem.

Por sua vez, a noção de repetição vem dos padrões simétricos dos elementos nas imagens. Essa relação pode ocorrer entre dois elementos apenas (dividido) ou entre vários (seriado). Sendo assim, nenhum elemento domina a imagem, estando todos eles simetricamente organizados e mostrados em relação uns aos outros. Quando dois elementos em uma imagem fazem exatamente a mesma coisa, há uma relação de repetição, divisão e correspondência. Já a noção de espelhamento, literalmente, refere-se à reflexão em espelhos, água, vidros etc.

Quando dois elementos estão virados um para o outro, isso é entendido como “encarando”. Porém, encarar e espelhar se mostram como noções diferentes. No primeiro caso, os elementos distintos ou similares são fotografados encarando um ao outro; no segundo caso, deve haver uma reflexão em algum tipo de superfície.

Por fim, alguns autores, incluindo Bednarek e Caple (2012), identificam, ainda, a categoria “repetido, seriado, espalhado”, na qual os elementos são agrupados aleatoriamente, mostrando-se caóticos e instáveis em termos, sendo raro em imagens midiáticas, uma vez que sempre há um propósito e ideologia como suporte.

6 METODOLOGIA DE ANÁLISE

Esta análise terá como base principal a ACD e, conforme apontado por Fairclough (1995), irá contemplar os diferentes níveis de abstração de um evento particular, podendo envolver seu contexto situacional mais imediato, o contexto mais amplo das práticas institucionais nas quais o evento está inserido e, ainda, a estrutura mais ampla da sociedade e cultura. Além disso, a ACD atribui, simultaneamente, três dimensões a cada evento discursivo: texto, prática discursiva e prática social, estando tais dimensões contempladas nesta análise. Busco, ainda, contemplar a perspectiva de Bednarek e Caple (2012) que salientam que seria prudente que os analistas iniciassem suas análises considerando (a) títulos, (b) legendas e (c) imagens antes de focalizarem o corpo do texto. Neste artigo, meu foco de análise incluirá apenas estes três elementos. Contudo, analisarei somente os títulos e as legendas que estejam acompanhados de imagens, ou seja, a relação texto-imagem para minha análise é de suma importância.

Sendo assim, minha análise incluirá três níveis:

1. Análise dos elementos linguísticos: análise lexical (escolha das palavras usadas), predicação (características e valores dos atores sociais), sintaxe e transitividade (as relações entre participantes e os papéis por eles desempenhados a partir dos processos usados nos textos);
2. Análise das imagens: organização dos elementos (sobreposição, deslocamento e dicotomia) e EE;
3. Análise das práticas discursivas dos jornais: elementos como objetividade, valor de notícia, estilo linguístico, intertextualidade, público-alvo; além de levar em consideração os aspectos ideológicos e hegemônicos implícitos e explícitos.

Serão analisadas duas páginas principais de jornais diários mineiros, sendo uma das capas pertencentes ao jornal *Super Notícia* e a outra ao jornal *O Tempo*, ambas publicadas em abril de 2021, durante o período pandêmico. A escolha de tais capas e jornais se deveu à importância que tiveram no cenário mineiro. Passo, a seguir, à análise dos dados.

7 ANÁLISE DOS DADOS

Jornal: *Super*Figura 3: Capa *Super Notícia* de 07 de abril de 2021

Fonte: escaneado pelo autor

O primeiro aspecto que chama a atenção dos analistas do discurso na oração citada a seguir é o alto grau de informalidade:

Paredão	tocou	pra fora
Ator	Processo Material	Circunstância de lugar.

Tal grau de informalidade justifica-se ao considerarmos o caráter popular do jornal e a busca por interação com seu público idealizado. Conforme apontado por Richardson (2007), o uso do estilo linguístico informal pode estar associado a uma tentativa de se mostrar menos pomposo e tornar-se mais democrático e popular. Deve-se, ainda, considerar o alto grau de informalidade e popularidade do tema/evento em questão – eliminação do participante Rodolfo após o paredão do programa Big Brother Brasil (BBB) apresentado na noite anterior à publicação do jornal. Chama a atenção o uso do Processo Material “tocou”, ao invés de “eliminou” e isso nos direciona mais uma vez à audiência alvejada pelos produtores do discurso jornalístico.

Ao considerarmos a oração “Paredão tocou pra fora” e sua respectiva imagem, temos uma relação de sobreposição, na qual o participante do BBB é nomeado pela legenda, individualizado e enquadrado a partir de um ângulo frontal e de uma distância próxima (Kress; van Leeuwen, 2021). Porém, deve-se atentar para o fato de que a oração em análise necessita complementação, pois ao lermos a oração nos perguntamos: *Quem foi tocado para fora pelo paredão?* Neste caso, a imagem nos direciona a um resultado ou resposta para este questionamento, apontando, também, para uma relação de deslocamento. Já a EE nos remete à seguinte

composição: isolado, centralizado e único, denotando a importância do indivíduo presente na imagem e sua relação direta com o texto escrito.

O segundo título a ser analisado é “Família de Tom Veiga quer exumar corpo por suspeita de envenenamento”. Ao compararmos esta oração com a primeira analisada, não detectamos o mesmo grau de informalidade detectado no estilo linguístico, porém identifica-se, da mesma forma, um direcionamento ao público-alvo, pois, ao analisá-la pelo viés da transitividade, as *circunstâncias* (Halliday, 1994) nos chamam a atenção:

Família de Tom Veiga	quer	exumar corpo	por suspeita de envenenamento
Experienciador	Proc. Mental	Fenômeno	Circunstâncias

Existe uma aposta baseada na concepção do valor de notícia (Galtung; Ruge, 1965) em consonância com o público-alvo do jornal. Neste caso, tem-se o grau de negatividade (se sangra, vende). Repara-se, ainda, que uma característica dos títulos de jornais é omitir certos elementos linguísticos como artigos e, ao invés de escreverem “exumar o corpo”, escreve-se “exumar corpo”. Isso nos remete a Lasbeck (2000) que, em seus estudos sobre os *slogans* publicitários e a linguagem usada em jornais, revistas e internet, aponta que os *slogans* visam destinatários heterogêneos e geograficamente dispersos, essas estruturas conseguem, com economia de texto, evitar o pensamento reflexivo sobre o que anonimamente se afirma. Já Vivanco (2004) identifica as estratégias para a realização da coerência e afirma que, enquanto textos científicos e técnicos fazem grande uso de conectivos para sinalizar o tipo de relações discursivas ou entre elementos adjacentes, o texto da propaganda revela um número relativamente baixo de conectivos, fazendo uso de *micromakers* (determinantes, possessivos, dêiticos, conjunções) de pequeno conteúdo lexical ou semântico, que ajudam a fazer as relações. Ocorre que a ausência de vocabulário auxiliar, como os conectivos, pode ser vantajosa para a estocagem da informação no reservatório mental. A coerência é, então, mantida com a ajuda de recursos lexicais e semânticos. O mesmo se aplica ao texto jornalístico, ao considerarmos os títulos e as legendas.

Ao considerarmos os aspectos linguísticos em conjunto com a imagem, existem duas associações a serem feitas. Em primeiro lugar, o nome “Tom Veiga” se associa à imagem do ator e, pelo fato de o ator não ter mostrado seu rosto durante sua carreira na televisão e ter dado vida ao boneco Louro José, ele se posiciona em seu ombro, como forma de auxiliar na identificação ator-personagem. Isso denota uma busca e a ativação do conhecimento prévio dos leitores acerca não somente da identidade do ator, mas também das circunstâncias que envolvem a sua morte. Sendo assim, existe uma relação de sobreposição entre imagem e título, pois ele contém o nome do ator e a imagem permite sua identificação. Em segundo lugar, identificamos uma relação de dicotomia pelo fato de o título adicionar informações à imagem sobre o desejo da família e da imagem nos remeter a outro momento do ator ainda em vida. Ou seja, ela se liga ao trabalho do ator, mas não se liga, com exceção do nome, diretamente ao evento narrado (“[...] exumar corpo”). Pelo viés da EE, identifica-se que o ator está isolado-centralizado-único, pelo fato de o boneco e o ator representarem um único indivíduo para seus fãs.

No título “Corrida por grana causa filas nas agências da Caixa”, retoma-se a informalidade de maneira mais direta, onde a escolha linguística da palavra “grana” ao invés de “dinheiro” confirma tal aposta no estilo linguístico em prol do objetivo de se atingir uma determinada audiência. Isso nos remete à ACD e aos estudos de Fairclough (1995) que acreditam que a análise textual deve se preocupar com o texto em termos daquilo que está presente e daquilo que poderia estar presente e, sendo assim, cada aspecto do conteúdo textual é resultado de uma escolha – a escolha na forma de descrever uma pessoa, uma ação ou um processo; a escolha na forma pela qual se constrói uma oração, rejeitando-se as demais opções disponíveis; a escolha para incluir um determinado fato ou opinião etc. Pelo viés da transitividade teremos:

Corrida por grana	causa	fila	nas agências da Caixa.
Ator	Proc. Material	Meta	Circunstâncias

Identifica-se que a relação entre o texto e a imagem se inicia a partir do Processo Material e da Meta analisados acima (“[...] causa fila [...]”), e isso nos direciona ao trabalho dos produtores do discurso jornalístico que cuidam para que tal discurso nunca seja aleatório, mas que siga padrões institucionais, profissionais e socioculturais específicos. A imagem é o resultado daquilo que é dito no texto escrito e esse tipo de relação, conforme apontado por Bednarek e Caple (2012), indica um deslocamento e, ao mesmo tempo, uma sobreposição. Neste último caso, o leitor será capaz de associar o substantivo “fila” à imagem mostrada. Já a EE dessa imagem indica não haver nenhum participante/elemento dominante; pelo contrário, eles são mostrados espalhados e de costas para os leitores, o que denota, em termos de Kress e van Leeuwen (2021), uma falta de envolvimento direto com os leitores, apontando para uma EE que segue o seguinte padrão: repetido-seriado-espalhado. Para Caple (2009), esse tipo de composição é mais raro em imagens jornalísticas, mas, nesse caso, específico ele atende ao propósito de mostrar a confusão causada pela liberação do dinheiro do auxílio emergencial dado pelo governo federal aos brasileiros que perderam suas fontes de renda durante a pandemia de COVID-19. Assim, podemos identificar a situação trágica promovida pelo fechamento do comércio e perda de empregos e quantas pessoas necessitavam do auxílio financeiro, além de identificarmos também o risco de serem contaminadas pelo vírus que tais pessoas corriam ao se aglomerarem para retirar o dinheiro.

Considerando os três títulos e suas respectivas imagens analisados nesta primeira capa de jornal, pode-se dizer que o princípio do valor de notícia se mostra extremamente importante, pois notícias sobre pessoas famosas e cotidiano ocupam o topo da composição. O fator audiência, consideração a um determinado tipo de público alvejado pelo jornal, é identificado pela seguinte relação: *audiência = estilo linguístico + imagem*.

Em todos os casos analisados, as práticas discursivas do jornalismo se sobressaem, sobretudo através das técnicas de produção e distribuição e, a partir do modelo de codificação e decodificação, no qual o conhecimento prévio dos leitores em relação aos eventos narrados é essencial no processo de decodificação. Neste caso específico os leitores usam seu conhecimento prévio sobre o BBB e suas regras e participantes, sobre o ator que dava vida ao Louro José e as circunstâncias que envolvem a sua morte e o conhecimento sobre o auxílio emergencial e sua importância para o povo brasileiro, incluindo a situação causada pela pandemia de COVID no contexto brasileiro.



Figura 4: Capa *O Tempo* de 07 de abril de 2021

Fonte: escaneado pelo autor

Na página principal do jornal *O Tempo*, exibida na figura 4, temos a seguinte chamada principal de capa:

Poder de compra das famílias	some	diante da escala de preços.
Ator	Proc. Material	Circunstâncias

Chama atenção o fato de o Ator desta oração ser representado por uma personificação. Sendo assim, o “poder de compra das famílias” assume o protagonismo, o que pode apontar para um significado social e ideológico. Uma das funções da personificação é criar uma imagem forte na mente de quem lê, denotando algo que tem vida própria e com grande poder para afetar a vida do leitor. Já a escolha do Processo Material “some” também aponta para uma escolha ideológica e técnica, uma vez que ele visa indicar a causa de o carrinho estar vazio na imagem.

Na relação texto escrito-imagem há, por um lado, uma sobreposição, principalmente entre o Processo Material “some” e o carrinho vazio, mas há sobreposição também entre as Circunstâncias “diante da escala de preços” e as imagens dos preços afixados na grade. Por outro lado, pode-se dizer que, além da sobreposição em dois níveis, há uma relação de deslocamento pelo fato de o texto escrito indicar a causa, e a imagem o efeito/resultado.

A participante representada, que aqui assume a posição de todos os consumidores brasileiros, está olhando diretamente para o leitor, o que, em termos de interação, é classificado como um ato demanda (Kress; van Leeuwen, 2021). Ou seja, o consumidor deseja uma explicação para o fato de seu poder de compra ter desaparecido. O olhar é de indagação e questionamento: *de quem seria a culpa?*

Já em termos de EE, teremos um elemento principal: isolado-centralizado-triplo. O carrinho vazio é o principal elemento, mas ele só faz sentido se ligado a dois outros elementos: o consumidor que o conduz e paga pelos produtos e os preços que impedem que ele esteja cheio. A consumidora usando máscara irá nos remeter a uma possível causa do carrinho vazio e da alta dos preços: a pandemia de COVID-19. Tanto na análise do texto escrito quanto da imagem, o valor da notícia – o conteúdo principal é o centro da página – e o processo de decodificação através do conhecimento prévio do leitor são extremamente importantes. Além disso, a personificação identificada tanto no texto quanto na imagem (o carrinho é o elemento principal da imagem) é também um elemento ligado ao valor de notícia, pois, segundo Galtung e Ruge (1965, p. 69), este tipo de evento se mostra valioso e com potencial de notícia por estar ligado a tudo aquilo que afeta diretamente as pessoas e seu cotidiano.

A segunda análise texto-imagem nesta capa é sobre o caso Lorenza de Pinho, esposa de um promotor e que morreu de forma misteriosa. O valor de notícia, neste caso, está relacionado ao limite (intensidade do evento), à continuidade (sequência de uma história), à referência de pessoas da elite e à negatividade (se sangra, vende). A partir da análise do texto escrito tem-se:

Médico amigo da família	fica	com a guarda dos 5 filhos.
Ator	Proc. Material	Meta

Chama a atenção o fato de o Ator já vir acompanhado de uma qualidade ou característica importante: “[...] médico amigo da família”. Tal qualidade é de suma importância para que haja a identificação do leitor e que perguntas como *Qual médico?* ou *Por que um médico faria isso?* não sejam levantadas pelos leitores. Por outro lado, usar o termo “médico”, ao invés do nome do envolvido, remete-nos à confiabilidade e respeito que o leitor possa ter pela profissão, estando tal confiabilidade, também, expressa e confirmada pela imagem.

Na relação texto-imagem, temos sobreposição entre o termo “médico” e a imagem do participante representado usando as roupas características da profissão. Mas, também, temos deslocamento pelo fato de a mensagem escrita expandir nosso conhecimento acerca da foto em questão: (1) ele é amigo da família e (2) ele irá assumir a guarda dos filhos do casal. Existe, ainda, uma legenda na parte superior da imagem que serve para lembrar o leitor sobre o caso em questão (Caso Lorenza de Pinho) e que também complementa a relação texto-imagem. Para que o caso seja lembrado e por se tratar de uma história que necessita de continuidade, identifica-se, ainda, a intertextualidade externa (Blommaert, 1999), em que o fato narrado em um texto se torna mais compreensível quando contextualizado ou lido em relação a outros textos e práticas sociais.

Já a EE indica que o participante representado é mostrado de forma isolada, centralizada e única, sendo o núcleo e o *lotus* de atenção da imagem, com sorriso de confiabilidade e olhar de demanda.

Na terceira oração a ser analisada nesta capa, temos um grupo nominal:

Volante novo

Grupo Nominal

Neste caso, o predicado “novo” assume grande destaque e importância como forma de chamar a atenção do leitor. Em termos de análise linguística, trata-se de um título breve, direto e que necessita de complementação por parte de quem lê e tal complementação

pode ser atingida pela ativação do conhecimento prévio dos leitores ou pela leitura completa do texto. Aqui, dois elementos são essenciais para a compreensão da mensagem escrita: (1) a imagem e (2) o conhecimento prévio.

Pela análise da imagem, identifica-se quem é o novo volante, e isso é confirmado pela leitura de, pelo menos, uma parte da mensagem: “Tchê Tchê é registrado no BID e já pode entrar em campo contra o Pouso Alegre, hoje”. Por outro lado, o uniforme do clube Atlético Mineiro é também essencial para respondermos à seguinte pergunta: *Onde ele irá jogar?* O jornal aposta que seu público-alvo seja capaz de identificar tais informações a partir de uma rápida olhada no uniforme do time, capaz de ativar o conhecimento de mundo sobre os times mineiros, sobre o campeonato em andamento e sobre as necessidades de cada time.

Para que a relação texto-imagem seja atingida, o futuro volante é mostrado de forma isolada-centralizada-única para os leitores, estabelecendo com o texto escrito uma relação de deslocamento pelo fato de o jogador estar batendo continência para o leitor com o intuito de se colocar à disposição e isso, somado ao título que apenas traz a informação de que ele é um “volante novo”, torna o texto a causa e a imagem a sua consequência: ele é novo no clube, foi contratado recentemente, já tem permissão para jogar e se coloca à disposição dos torcedores. Para Kress e van Leeuwen (2021), as imagens são capazes de envolver os leitores em nível interpessoal (ou interacional). Isso é possível através de expressões faciais ou gestos feitos pelos participantes representados ou através das técnicas usadas pelos seus produtores, como ângulos ou distância através da qual um participante é mostrado ao leitor.

Em relação ao valor de notícia, trata-se de um evento, conforme enfatizam Galtung e Ruge (1965), que possui *consonância* pelo fato de ele estar ligado a eventos esperado ou desejados pelo público, como o futebol.

8 CONCLUSÃO

Neste artigo, analisei duas capas de jornais mineiros publicadas em abril de 2021, produzidos durante a pandemia de COVID-19, com o intuito de identificar a inter-relação entre textos escritos e as imagens, a partir do estilo linguístico usado, da análise da organização dos elementos de capa, da EE fornecida pelos seus produtores e das práticas discursivas que moldam o discurso jornalístico. A análise contou com o suporte de autores como Fairclough (1995) que analisa os diferentes textos de forma crítica, levando-se em consideração aspectos relacionados à sua estrutura profunda e em diferentes níveis, contemplando texto, prática discursiva e práticas sociais. Por outro lado, os estudos de Blommaert (1999), Iggers (1999) e Richardson (2007), que analisam especificamente as práticas discursivas do discurso jornalístico, mostraram-se muito importantes para que os resultados fossem alcançados. Já a análise das imagens foi feita com base nos estudos de Bednarek e Caple (2012), Caple (2009) e Kress e van Leeuwen (2006).

As análises indicaram que, com relação aos recursos linguísticos, eles foram ajustados ao público-alvo de cada jornal analisado, e, sendo assim, o estilo linguístico contido nas chamadas principais de cada uma e que vieram acompanhados de imagens, variaram de informal a formal para relatar eventos ligados ao cotidiano, violência e esportes. O uso da personificação se mostrou como uma estratégia dos produtores dos jornais capaz de indicar aos leitores como os eventos descritos poderiam afetar e influenciar seu dia a dia.

Já as imagens que acompanhavam os títulos e as legendas estabeleceram relações importantes com os textos escritos. Houve sobreposição entre textos escritos e imagens para facilitar a identificação dos indivíduos envolvidos nos eventos; houve deslocamento entre imagem e texto, em que um tinha a função de complementar o outro, principalmente através da relação causa-efeito; e houve também dicotomia, pois imagem e texto apontavam para caminhos diferentes. Com relação à EE, pode-se perceber que os elementos principais de cada notícia foram isolados e centralizados, mas o uso de elementos espalhados também se mostrou presente. Neste último caso, o uso de tal tipo de arranjo esteve a serviço dos produtores das imagens, relacionando a notícia ao contexto social confuso e caótico provocado pela pandemia.

O valor de notícia também se mostrou extremamente importante na confecção das capas, pois identificou-se que notícias com negatividade, limite, continuidade e referência a pessoas da elite ocuparam os espaços principais das capas. Já o uso do conhecimento prévio dos leitores para a decodificação das mensagens contidas nas capas, se mostrou de suma importância.

O discurso das notícias inclui tanto a linguagem verbal quanto a imagem, ou seja, ele é multimodal ou multissemiótico. As imagens podem ser vistas criando significados por si mesmas, mas também há significados criados pela interação da imagem com a linguagem verbal. Isso significa que podemos investigar tanto os significados produzidos pela linguagem verbal quanto os significados produzidos pela imagem. Porém, o que as análises das capas dos jornais mineiros demonstram é que análises mais ricas e complexas buscam unir tais significados, considerando as relações entre os diferentes recursos semióticos usados pelos seus produtores.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Marxismo e a Filosofia da Linguagem*. Hucitec: São Paulo, 2006.
- BATEMAN, J. *Multimodality and Genre*. Palgrave: London, 2008.
- BEDNAREK, M.; CAPLE, H. *News Discourse*. Continuum: New York, 2012.
- BLOMMAERT, J. The debate is open. In. BLOMMAERT, J. (Ed) *Language ideological debates*. Mouton Gruyter: New York, 1999. p.01-38.
- CAPLE, H. *Playing with words and pictures: intersemiosis in a new genre of news reportage*. 2009. 285f. Ph.D. Thesis, Department of Linguistics, University of Sydney, 2009.
- CAPLE, H. Doubling-up: allusion and bonding in multi-semiotic news stories. In. BEDNAREK, M; MARTIN, J.R. *New Discourse on Language: Functional Perspectives on Multimodality, Identity, and Affiliation*. Continuum: New York. 2010. p.p 237-267.
- COX, R. W. Beyond empire and terror: critical reflections on the political economy of the world order. *New political economy*, v. 3, n. 9, p. 307-323, set. 2004.
- DONDIS, D. A. *A Primer of Visual Literacy*. MIT Press: London, 1973.
- FAIRCLOUGH, N. *Discourse and social change*. Arnold: London, 1992.
- FAIRCLOUGH, N. *Discourse and Social Change*. Polity: Cambridge. 1994.
- FAIRCLOUGH, N. *Media Discourse*. Arnold: London, 1995.
- FOWLER, R. *Language in the news*. Routledge: London, 1991.
- GALTUNG, J.; RUGE, M. Structuring and selecting news. In: COHEN, S; YOUNG, J. *The manufacture of news: social problems, deviance and the news media*. Constable: London, 1965. p. 62-72.
- HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. Edward Arnold: London. 1994.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An Introduction to Functional Grammar*. 3. Arnold: London. 2004.

- IASBECK, L. C. A. *A arte dos slogans: as técnicas de construção das frases de efeito no texto publicitário*. Annablume: São Paulo, 2000.
- IGGERS, J. *Good news, bad news: journalism ethics and the public interest*. Westview press: Boulder, 1999.
- JUCKER, A. H. *Social stylistics: syntactic variation in British newspaper*. Mouton Gruyter: Berlin, 1992.
- KNOX, J. S. Visual/verbal communication on online newspaper home pages. *Visual Communication*. Sidney. vol. 6 (1), p.19–53, fev. 2007.
- KRESS, G.; van LEEUWEN, T. *Reading images: The grammar of visual design*. London: Routledge: London, 2006.
- KRESS, G.; van LEEUWEN, T. *Reading images: The grammar of visual design*. London: Routledge: London, 2021.
- MEINHOF, U. H. *Language in the age of satellite television*. Oxford University Press: Oxford, 1998.
- MILLS, C. *Feminist stylistics*. Routledge: London, 1995.
- PHILLIPS, L.; JORGENSEN, M. W. *Discourse analysis as theory and method*. Sage: London, 2002.
- REISIGL, M.; WODAK, R. *Discourse and discrimination: rhetorics of racism and anti-semitism*. Routledge: London, 2001.
- RICHARDSON, J. E. *Analysing newspapers: an approach from Critical Discourse Analysis*. Palgrave: London, 2007.
- TITSCHER, S.; MEYER, M.; WODAK, R.; VETTER, E. *Methods of text and discourse analysis*. Sage: London, 2000.
- TUCHMAN, G. Objectivity as strategic ritual. *American journal of sociology*, vol. 77, n.4, p. 660-679, jan. 1972.
- VAN DIJK, T. A. Critical discourse analysis. In. SCHIFFRIN, D; TANNEN, D; HAMILTON, H.E. *Handbook of discourse analysis*. Blackwell: Oxford. p.352-371, 2001.
- VIVANCO, V. The absence of connectives and the maintenance of coherence in publicity texts. *Journal of Pragmatics*, vol. 8, n. 37, p. 1233-1249, ago. 2004.



Recebido em 10/07/2022. Aceito em 10/01/2023.